

O resgate da integralidade da pessoa humana, a partir do núcleo central, segundo Edith Stein

REZENDE, Gerusa Dumont de¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo averiguar as contribuições da abordagem Fenomenológica, em especial a visão de Edith Stein acerca do núcleo central ou núcleo pessoal. O trabalho consiste em uma revisão bibliográfica sobre este tema. Os resultados evidenciam um aprofundamento da estrutura da pessoa humana, ao adentrar na sua interioridade ou na concepção steniana, na ‘alma da alma’. Mediante este resgate a existência encontra seu sentido, a dignidade humana é reencontrada, o ser humano pelo uso de sua liberdade pode se repositonar, resignificando suas vivências orientadas ao bem e as valores universais. O homem ora fragmentado, é resgatado em sua integralidade. A atenção à saúde, por consequência é ampliada. O psicólogo em sua prática clínica poderá auxiliar o paciente a partir de uma nova concepção do homem – em sua singularidade e ao mesmo tempo na sua totalidade.

Palavras chave: Fenomenologia. Edith Stein. Núcleo Central.

Abstract: This work aims to investigate the contributions of the Phenomenological approach, in particular Edith Stein view of the central or personal nucleus. The work consists of a bibliographic review on this topic. The results show a deepening of the structure of the human person, when entering into its interiority or in the Stenian conception, in the ‘soul of the soul’. Through this rescue, existence finds its meaning, human dignity is rediscovered, human beings through the use of their freedom can reposition themselves, reframing their experiences oriented to the good and universal values. The man now fragmented, is rescued in its entirety. Consequently, health care is expanded. The psychologist in his clinical practice will be able to assist the patient from a new conception of man - in his uniqueness and at the same time in his totality.

Keywords: Phenomenology. Edith Stein. Central Core

¹ Psicóloga, pós-graduada em Psicologia Clínica: Humanista, Fenomenológica e Existencial (UNIARA), mestranda em Educação (UNIUBE).

Introdução

Acredita-se que cada ser humano é único, por isto o olhar fenomenológico do psicólogo para cada paciente, deverá englobar todos os aspectos e dimensões, tais como o corpo, a dimensão psicológica, espiritual e social.

Edith Stein fundamenta a pessoa humana a partir do método fenomenológico e aponta para a unidade entre a alma e o corpo, bem como uma visão do psicólogo para além dos sintomas, tratando da “possibilidade de compreensão da pessoa a partir de um núcleo próprio, que se revela em uma essência única, não passível de conhecimentos a priori”. (SILVA; CARDOSO, 2013, p.252) Tal núcleo traduz a essencialidade de cada pessoa, presente no interior ou na interioridade humana. Stein nomeou esta dimensão como núcleo central ou como a ‘alma da alma’. Dentro deste contexto, o papel do psicólogo também é auxiliar para que esta essência mais profunda e genuína de cada pessoa, possa aflorar favorecendo para que as qualidades e potencialidades únicas de cada pessoa possam emergir, a fim de reconstruir novas atitudes e hábitos, de maneira integral e harmonizada.

Na contemporaneidade presenciamos a coisificação do ser humano, assim como sua mecanização gerando um tecnicismo. A visão do homem se fragmenta, pois, o olhar é dirigido para a dimensão apenas psíquica ou ora comportamental, em especial dentro da psicologia. Há como efeito um distanciamento do homem de sua interioridade mais profunda. Por meio dos valores espirituais, em harmonia entre o corpo e a psique, pode-se atingir o núcleo pessoal do ser humano, tornado possível o resgate da essência presente na interioridade humana. Desta forma, o ser humano pode livremente se reposicionar em plena consciência, refletindo e decidindo por novos atos e atitudes, reencontrando se consigo mesmo e em suas relações, enfim; se harmonizando.

Somos um todo psico-físico-espiritual. A fenomenologia abrange o homem em todos estes aspectos. Por meio de Stein, esta unidade é resgatada, aprofundando seu centro individual, ou núcleo central, associado a todas dimensões inerentes do ser humano. Que esta presente pesquisa, possa re-despertar em cada pessoa, em especial, a cada profissional da área da saúde, de forma particular os psicólogos, a abordagem do ser humano em sua integralidade, partindo como princípio a interioridade humana. Segundo Alles Bello (2015, p.124) “na formação de psiquiatras e psicólogos, a tradição é de que existe somente a psique” e que esta dimensão em consonância com a dimensão física, comanda o ser humano. Esta visão psicofísica desconsidera a conexão com a dimensão espiritual. A Fenomenologia vem contribuir na construção de uma psicologia científica e fundamentada, ampliando o olhar para o ser humano, para sua integralidade.

1. A fenomenologia e contribuições de Edith Stein

A Fenomenologia tem como precursor Edmund Husserl. Iniciou-se na Alemanha no final do século XIX e na primeira metade do século XX. (ALLES BELO, 2006) Husserl procurava um método de pesquisa acerca do conhecimen-

to humano. Como matemático e filósofo, buscava um método ademais da lógica e do psicologismo que imperava neste período.

A fenomenologia objetiva “colher aquilo que se manifesta como essencial” (ALLES BELO, 2018, p.29), possibilitando que o fenômeno ocorra e se revele como ele é, sem o uso da interferência. Há primeiramente a descrição do que se vê, para que exista posteriormente uma compreensão. Não há, portanto, uma teoria por detrás, a fim de que por meio desta teoria haja uma resposta – de antemão já presente nesta teoria, acerca da percepção do ser humano. Mahfoud (2019) revela que o psicólogo é chamado a olhar a cada pessoa, em sua singularidade, sem encaixá-la em um arcabouço teórico. Alles Bello (2015, p.127) complementa que Husserl “vai da singularidade para a ciência teórica *a priori*, porém, não no sentido indutivo de generalizar, mas se pergunta sobre a essência”. A atitude fenomenológica é a busca por respostas. Desta forma, há um questionamento, a fim de se chegar a estas respostas. Ademais ao processo de generalização do ser humano, a fenomenologia “permite que reconheçamos o Homem em toda sua magnitude, na compreensão do que se revela [...] inclassificável”. (ANTÚNEZ, 2011, p.206)

A Psicologia Clínica que se fundamenta na fenomenologia, de acordo com Mahfoud (2019, p.83) “trabalha na direção de desvelar sentidos, valores e motivações existenciais, para que a força da pessoa se coloque em movimento naquilo que corresponde ao seu modo singular de estar no mundo”. O caminho que o psicólogo percorre, juntamente com seu paciente, é a “convicção que a verdade ou, ao menos, as condições necessárias para a sua busca, não estejam nas construções do pensamento, sempre contaminadas pelo subjetivismo, mas na regressão a um estado de pura presencialidade”. (GARCIA, 1988, p.39) O resgate da pessoa por meio de sua interioridade, abarcando sua unicidade, corrobora para que este se repositone de maneira mais livre e consciente, refletindo seu ser em diversas áreas de sua vida. Desta forma, há uma contribuição no aspecto pessoal e, por conseguinte, na contribuição de ações que repercutem na sociedade – ações estas pautadas em atitudes mais éticas e humanas.

Segundo Mahfoud (2019, p.31), Husserl não apenas criou o método fenomenológico, assim como teve como intenção de “tratar o tema da matéria e da alma”. Comungando com tal pensamento, Mano e Costa (2017, p.31), manifestam que “o seu principal questionamento dizia respeito ao fato do homem não ser constituído apenas de um corpo físico”. De acordo com Alles Bello (2006, p.53), “Husserl chega a explicitar, diferentemente de Freud, que a característica da vida humana é ser uma vida espiritual; reconhece uma dimensão espiritual, âmbito das avaliações e decisões, que se diferencia da dimensão psíquica”. Para Dartigues (2002, p.29) “[...] sem dúvida, a meta de Husserl não era somente renovar a prática das ciências humanas, mas fundar seu sentido”.

No decorrer de sua trajetória,

[...] em 1916, Husserl fora nomeado professor titular na Universidade de Freiburg, e escolheu como sua assistente Edith Stein,

cujo trabalho consistia em organizar os numerosos manuscritos do mestre e ministrar cursos preparatórios de fenomenologia para os estudantes; exatamente naquele ano ela defendeu com louvor a sua tese sobre empatia (ALLES BELLO, 2018, p.31).

Segundo Santana (2016), entre os anos 1916 a 1918, Edith Stein exerceu este cargo de assistente particular de seu professor Edmund Husserl. De acordo com Alles Bello (2015, p.19), “Edith Stein conheceu profundamente a proposta fenomenológica; e como assistente de Husserl chegou a assumir a responsabilidade de transcrever manuscritos estenografados e redigir livros do fundador da fenomenologia”. Santana (2016, p.16), complementa que Edith Stein chega a “pertencer ao círculo fenomenológico de Gottingen, e tem como amigos de convivência Martin Heidegger e Max Scheler, entre outros. Em momento algum rompe com o mestre”. No decorrer deste período Edith Stein pôde aplicar de forma concreta o método fenomenológico em sua pesquisa de doutorado, tendo como orientador o próprio Husserl (ALLES BELLO, 2018). “A formação filosófica de Edith Stein [...] consistia em encontrar o seu próprio caminho no interior da investigação fenomenológica, sem jamais sair dela. Trata-se de uma via original da própria Edith Stein” (FACULDADE DEHONIANA, 2016, p.103).

De acordo com Mahfoud e Massimi (2013, p. 171), para Husserl, assim como para Stein ao utilizarem “o método fenomenológico, constatam que os seres humanos são formados a partir de três dimensões: corpo, psique e espírito. [...] A ciência que estuda estas vivências do corpo, da psique e do espírito de forma integrada é a fenomenologia”. Tal pensamento se confirma em Alles Bello (2015, p.8), ao apontar a relação em Edith Stein entre a fenomenologia, assim como para “seu mestre Edmund Husserl, a precisa identificação de relações vitais entre materialidade e vida espiritual, entre corpo-psique-espírito numa unidade indivisível na pessoa humana, a centralidade das vivências nas análises fenomenológicas”. Segundo Mano e Costa (2017, p.109) Stein aponta a

estrutura do Ser em três grupos: corporal, psíquico e espiritual, afirmando que não se trata de aspectos separados e sim interligados da subjetividade. Afirma que a psicologia fenomenológica se caracteriza pela insistência na dimensão espiritual, e recorre uma antropologia filosófica que evidencie a estrutura da pessoa humana.

Segundo Mahfoud e Massimi (2013, p. 103), Edith Stein assegura que a “fundamentação das disciplinas da psicologia e das ciências do espírito, passa pela necessidade de aprofundar a essência da realidade psíquica e do espírito”. Por isto, atenta em “explicitar o lugar epistemológico das ciências humanas (as chamadas ciências do espírito), principalmente a Psicologia [...] não basta conceber o ser humano como ser bio-psico-social-espiritual, mas sem entender como se articula” (MAHFOUD, 2019, p.84).

Revela Mahfoud (2019, p.108-109), que Husserl faz menção a uma crítica a psicologia “no texto ‘Fenomenologia e Psicologia’ que foi elaborado para

a publicação por Edith Stein. Nessa obra, encontramos a expressão ‘psicologia sem alma’ retratando a visão reducionista do ser humano que ainda hoje merece ser superada [...]”. Para Husserl o objeto de estudo é o homem, dotado de uma mente maleável, rico em uma experiência vivida, capaz de compreender um fato por meio de sua consciência, assim como possuidor de uma dimensão espiritual. Desta forma,

[...] a clínica que se norteia por esta vertente fenomenológica pura poderá auxiliar o paciente a alcançar a potencialidade de sua vida reflexiva, a responsabilidade e a liberdade, a tomar decisões mais adequadas e encontrar significados para seu viver em atos de realização consciente (ANTÚNEZ, 2011, p.213)

A Psicologia como uma ciência que ora estuda os processos mentais e o comportamento humano, enriquece-se a partir da visão de Husserl, ampliando sua visão para a integralidade do ser humano.

Para Alfieri (2014, p.7), “Husserl queria estruturar a fenomenologia como ciência rigorosa, enquanto a intenção de Stein era alcançar uma fenomenologia em termos antropológicos”. A Fenomenologia representa um fundamento metodológico para as ciências humanas e, dentre estas, para a Psicologia. Inaugura para a Psicologia por meio da proposta de “voltar às coisas mesmas” a renúncia as teorias, rompendo com o padrão científico e evidenciando como objeto de estudo para a Psicologia a subjetividade. Para Santana (2016, p.26), “Edith Stein é uma das filósofas mais expressivas do século XX, ousada na sua contribuição no processo de desvelamento da pessoa humana”. Por isto, faz-se importante o aprofundamento da visão de Edith Stein neste sentido, mediante o tema proposto a seguir.

2. A pessoa humana segundo Edith Stein

Edmund Husserl e Edith Stein utilizaram o termo pessoa ao fazerem referência ao ser humano, de forma singular. (MAHFOUD, 2019) De acordo com Antúnez (2011) a partir da fenomenologia a concepção do homem passa a ser vista a partir das dimensões: física, psicológica e espiritual. Complementa Silva e Cardoso (2013, p.250) que o que caracteriza o ser humano e sua diferença comparada a outros seres vivos é “a possibilidade de criação, de reflexão e de desejo, contidos no que, fenomenologicamente, é chamado de espírito”. Há um reconhecimento da dimensão espiritual, portanto, tanto em Husserl como Stein, ao abordarem o conceito de pessoa.

Em consonância revela Garcia (1988, p. 57) que o “homem se explica a partir do Ser, do espírito [...] também pela correlação singular de seus elementos, na mútua relação de alma e corpo”. Complementa Zilles (2017, p. 10), “uma visão racionalista, levando em conta apenas o desenvolvimento intelectual da pessoa, reduz ou mutila justamente o terreno da experiência pessoal. Somos um todo psico-físico-espiritual”. Revela Sberga (2014, p.121-122):

Na cultura alemã *Geist* é a potência da alma. [...] *intellectus* significa a parte do espírito que conhece. *Mens*, que abraça intelecto e vontade, significa conhecimento e tensão diante das coisas sensíveis. [...] *Spiritus*, que corresponde à palavra *ruah*, em hebraico, e *pneuma*, em grego, significa hálito, o sopro da vida. Assim, *intellectus*, *mens* e *spiritus* são indicados como sendo algo do ser espiritual.

Apresenta-se na conceituação teórica alemã a visão de um todo, o que traduz “ser pessoa significa existir espiritualmente”. (FACUDADE DEHONIANA, 2016, p.295)

Segundo Mahfoud e Massimi (2013, p. 240) “Stein permaneceu fiel às indicações contidas no método husserliano, especialmente no que diz respeito à análise do ser pessoa”. Conforme aponta Manganaro (2016, p.10), “o pensamento de Edith Stein nos possibilita a olhar para a pessoa humana como um ser unitário, um ser que ao mesmo tempo é espiritual e material, que se encontra como ponto de união entre as dimensões psicofísico e espiritual”. Confirmando tal pensamento Santana (2016, p.79) retrata que “a concepção de pessoa humana não permite a dissociação do todo que é o homem e de sua composição e, ao tratar disso, Stein traz à tona a realidade constitutiva plena deste entendimento: corpo, alma e espírito”. Ainda, Mahfoud (2019, p.71) comunga com tal posição, uma vez que revela que “Stein compreende a pessoa como unidade singular, porém tripartida, composta por corpo, psique e espírito sempre articulados”.

A dimensão espiritual presente na pessoa humana está ligada a área da liberdade. Segundo Alfieri (2014, p.140), “por pessoa entendemos o eu consciente e livre. É livre, porque é dono de seus atos, porque determina por si mesmo sua vida sob a forma de atos livres. Os atos livres são o primeiro campo de domínio da pessoa”. Complementa Sberga (2014, p. 400), que a dimensão espiritual, juntamente com a psicológica, configura a alma “que é o que dá vida à pessoa. O espírito retrata o intelecto, a vontade e a razão, e o que diferencia o espírito da psique é sua abertura intencional tanto em relação ao mundo objetivo, que se experimenta, quanto em relação à subjetividade alheia e a si mesmo”.

“A alma do ser humano é, assim, a marca individual da pessoa” (FACULDADE DAHONIANA, 2016, p.191). Neste aspecto ligado a alma humana Mahfoud (2019, p. 93) revela que “[...] tal como descrita por Edith Stein, é o princípio da vida, da atividade e da unidade da pessoa humana. Portanto, a alma inclui uma série de fenômenos: a vitalidade, as emoções, os sentimentos, o pensamento e o exercício da liberdade”. E a partir da alma e sua interioridade, chega-se ao centro ou ao núcleo central, como revela Garcia (1988, p.58)

[...] o homem enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e, por ele é capaz de sair de si mesmo. O ser pessoal leva consigo, nessa interioridade, o dom de possuir-se a si mesmo e poder conhecer-se. Tem entendimento, é liberdade.

A partir da estrutura da pessoa humana, composta de corpo, psique e espírito, Edith Stein estabelece o núcleo – como a própria nomenclatura revela, a essência, o lugar principal da pessoa humana.

Para descrever o mais íntimo da alma, Stein introduz a não de *Gemut* como a ‘alma da alma’ que explicita as profundidades da alma humana. Trata-se de um termo de difícil tradução e nos aproximamos da conotação de ‘instância interior’ da alma com as expressões ‘coração da alma’ ou ‘força anímica’ (MAHFOUD, 2019, p.96)

Segundo Mahfoud e Massimi (2013, p. 233) “o núcleo surge na análise da estrutura da pessoa como aquilo que dá toda a dinâmica e unidade da estrutura humana, sem o qual não se poderia falar de pessoa”. Complementa Manganaro (2016, p.96), “a pessoa humana se apresenta como uma unidade complexa com características qualitativas formadas por um núcleo central”

De acordo com Alfieri (2014, p.21), “a orientação fenomenológica aplicada à investigação da pessoa humana busca, por meio de reiterados processos de retomada, alcançar o fundamento dela; aquilo que, como dizia Edith Stein, dá sua singularidade; aquilo que faz com que cada um de nós seja único”. Desta forma, a visão da pessoa humana não se reduz a uma estrutura orgânica ou psíquica. Para Mano e Costa (2017, p.31) a Psicologia “[...] ignorou o que é próprio e genuíno do ser humano”, o que comungamos com Antúnez (2011, p.202) “a pessoa humana compreendida em corpo, psique e espírito, amplia a psicologia”. Conforme descrito anteriormente, Husserl utiliza-se do termo ‘Psicologia sem alma’. O resgate por meio de Edith Stein não apenas da visão da pessoa humana, assim como no aprofundamento desta estrutura por meio do núcleo, permite um novo olhar do psicólogo em meio a sua prática clínica. Por isto, torna-se oportuno um detalhamento sobre o núcleo central.

3. A integralidade por meio do núcleo central

Segundo Alles Bello (2006, p.39) Husserl e seus seguidores consideram a alma subdividida em duas partes “[...] a parte psíquica, a outra parte é a que re-flete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, é chamada de espírito”. Portanto, a pessoa humana tem um caráter espiritual aliado a capacidade de julgar, escolher, decidir – dentre outras características. Comungando com o mesmo pensamento, Mahfoud e Massimi, (2013, p. 173), revelam que “[...] a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquicos e espiritual, que são diferenciados entre si, porém intrinsecamente unidos”. Da mesma forma, esclarece Alles Bello (2018, p.88) que “o que geralmente chamamos de alma humana consta de duas partes: uma propriamente psíquica, em estrita ligação com a corporeidade, portanto, com o reino da natureza, e outra, espiritual, na qual se manifesta a liberdade”. Manganaro (2016, p.64) afirma que Edith Stein assinala que há

[...] uma distinção entre alma e espírito: aquilo que com o termo unitário chamamos de “alma humana” é formado por dois elementos, um ligado ao reino da natureza, correspondente ao aspecto psicofísico, outro ligado ao reino do espírito, que diz respeito à esfera dos valores, no qual se manifesta a liberdade radical e ordinária da pessoa humana

Sberga (2014, p.107) em concordância aponta que “[...] a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, mas intrinsecamente unidos”. Para Alles Bello (2018, p.117), “a exposição da estrutura da alma humana foi uma conquista de Edith Stein por sua capacidade de analisar os fenômenos internos da própria alma, refinada pela prática da análise fenomenológica”. Stein afirma (2014, p.96), que “a atividade natural do espírito deve ser esclarecida em primeiro lugar. Ela decorre da totalidade da estrutura do ser psicoespiritual”.

De acordo com Alfieri (2024, p.35):

Formando-se na escola de Edmund Husserl, Edith Stein conhece bem o rigor do método fenomenológico. Ela encontra, porém, na filosofia medieval, meios de praticar esse rigor na busca de uma análise mais adequada ao ser humano, chegando ao núcleo de sua personalidade. [...] A Husserl interessava apenas os fenômenos que aparecem em carne e osso.

Da mesma forma descreve Alles Bello (2018, p.65):

A partir de uma reflexão fenomenológica, Edith Stein sustenta que o fluxo da consciência não é a nossa alma, mas, em nossas vivências, revela-se algo que jaz no fundo como um verdadeiro “portador” – um “núcleo”.

Segundo Sberga (2014, p. 67-68):

Stein explica que a alma é o que qualifica o ser humano, contudo há [...] o que caracteriza de modo pessoal e profundo, e esse algo brota da raiz da própria alma, ou seja, brota de um núcleo que tem sua existência na alma. A individualização desse núcleo, que vive na profundidade da alma, na sua interioridade, Stein o chama de ‘alma da alma’

Para Alfieri (2014, p.98) “[...] é o núcleo que determina toda evolução psíquica e/ou física da pessoa e não o contrário. [...] tal núcleo assenta-se para além da dimensão espaço temporal, escapando de quaisquer condições formais ou materiais de determinação”. Desta forma, o ser humano não cabe ser concebido por meio de sua dimensão psicofísica, meio este pelo qual não é abordado como um todo. Este núcleo está fora da limitação de tempo, espaço e matéria, enquanto o psiquismo e a dimensão física são limitados por essas realidades. Desta forma

“Edith Stein retoma as análises fenomenológicas que a haviam conduzido a individualizar um núcleo da alma que se identifica com o próprio eu” (ALLES BELLO, 2018, p.116).

Segundo Manganaro (2016, p.60):

[...] as ciências que hoje definimos de “humanas”, mas que na época de Edith Stein eram chamadas de ciências do espírito. A palavra *Geist* é também ligada à ideia de alma e psique. A alma, de fato, é o centro, o *proprium* individual pessoal, único e irrepetível; enquanto a psique, entrelaçada com a dimensão corpóreo-vivente, é a força vital do sujeito.

A psicologia, considerada como parte das ciências humanas, necessita deste resgate da dimensão mais profunda e genuína do ser humano – o seu núcleo. Apresenta-se com características bem definidas, caracterizando o nível humanístico por excelência.

3.1 Características do núcleo central ou da “Alma da alma”

3.1.1 A singularidade

Edith Stein identifica que o núcleo é a marca da singularidade da pessoa humana.

Cada ser humano tem uma particularidade que está além da dimensão do corpo, do psíquico e do espírito, que a filósofa afirma que é como uma marca distintiva, um ‘selo’, que identifica a peculiaridade da pessoa como ser único e genuíno. [...] Essa característica distintiva se encontra na essência, no interior mais profundo da pessoa, em seu núcleo” (SBERGA, 2014, p.89)

O modo particular de ser de cada pessoa humana, segundo Alfieri (2014, p. 77) é uma marca pessoal que

[...] para Stein, tem uma propriedade permanente e se encontra no que ela denomina o núcleo da personalidade. [...] princípio segundo o qual o indivíduo possui um núcleo, subtraído de todos os condicionamentos físicos e psíquicos, que determina individualmente cada ser humano e colore qualitativamente, uma a uma, todas as suas vivências. Cada indivíduo psicofísico encontra, nesse núcleo, o seu momento propriamente individual (ALFIERI, 2014, p.77)

Mediante a singularidade de cada ser humano, por meio do núcleo há a presença de todas as vivências pessoais, assim como o modo único de se posicionar de cada ser humano em seus relacionamentos, bem como responder a cada questão no mundo.

3.1.2 A identidade

O núcleo da pessoa humana, é também considerado a origem da identidade da pessoa. Conforme afirma Sberga (2014, p.318), “[...] cada um coloca a sua marca pessoal naquilo que faz”. Diversos autores comungam com este pensamento, a partir da visão de Stein. Para Alles Bello (2015, p.148), “Stein desenvolve passo a passo o conceito de núcleo pessoa. Responsável pela identidade, o núcleo pessoal se manifesta no interior de uma realidade constituída por corpo, psique e espírito”. De acordo com Sberga (2014, p.118), “segundo Stein, a identidade está no mais profundo da pessoa, na sua interioridade mais central, lá onde não pode ser confundida com ninguém, lá onde a pessoa é singular”. Complementam Mahfoud e Massimi (2013, p. 203), o núcleo pessoal “[...] esse centro pessoal dá ao ser humano uma marca única, ou seja, tudo o que da pessoa surgir carrega uma peculiaridade pessoal [...]. Por meio desse núcleo, emerge o interesse mesmo pela própria vida e pelo mundo”. Alfieri (2014, p. 80-81), ao mencionar sobre o núcleo pessoal o define como um

[...] polo profundo em torno do qual se coagula o caráter da personalidade individual; é a partir dele que se irradia a coloração que dará a tonalidade pessoal a cada ato vivido, permitindo que a contínua atualização das potencialidades individuais se realize em uma pessoa singular, única e irrepetível.

Complementam Mahfoud e Massimi que o núcleo pessoal se apresenta “[...] princípio de identidade da pessoa – constituído por esta capacidade do querer – que motiva, direciona e integra a pessoa no momento mesmo de seu agir” (2013, p. 249).

Cada ser humano expressa sua peculiaridade ao longo de sua existência, contribuindo com seu modo de ser e agir que são únicos. No nível mais profundo do ser humano há um “tesouro” interior, que necessita ser aflorado - a partir do núcleo, a fim de que cada pessoa possa revelar sua marca mundo.

3.1.3 A totalidade

A totalidade da pessoa presente na interioridade humana se dá por meio do núcleo pessoal. Neste aspecto, diversos autores se complementam. Segundo Sberga (2014, p.402), “[...] o ser humano não cresce somente com a formação da alma. Ele vive a partir da alma, que é o centro do seu ser, porém a totalidade do eu não é formada pela alma, mas pelo núcleo da pessoa”. Para Mahfoud e Massimi (2013, p. 211) “a unidade e totalidade da experiência humana são garantidas pelo núcleo pessoal de acordo com Stein”. Seguindo este mesmo pensamento tais autores observam que “[...] cada reação psíquica carrega em si a totalidade do eu que se manifesta de forma singular a partir do nível mais profundo da vida interior – o núcleo pessoal”. (Mahfoud e Massimi, 2013, p. 207) Afirma Alfieri (2014, p.79), que “[...] a finalidade de cada indivíduo e o seu pleno desenvolvi-

mento são pré-inscritos desde sempre no seu núcleo, origem da qual partir para alcançar a totalidade do ser”.

Por meio do núcleo, a essência da alma ou nas palavras de Edith Stein, a “alma da alma” em sua totalidade e unicidade – a partir da marca pessoal de cada ser humano, se estruturam, podendo a pessoa humana ser vista de forma completa e integral.

3.1.4 O sentido, a direção

De acordo com Sberga (2014, p.130), “na profundidade mais íntima de si, a pessoa encontra seu núcleo, e é nessa busca da profundidade que ela compreende o sentido da própria existência”. Esta é a visão de Stein acerca do núcleo que segundo Mahfoud (2019, p.141, apud Stein, 2013, p. 178) “aqui está o centro da existência humana”. O conhecimento de que o ser humano tem um sentido, o conduz para a valorização da vida, bem como uma maior dignidade de si mesmo.

De acordo com Alles Bello (2015, p.83-84), o núcleo “[...] esse núcleo identitário não se desenvolve, mas dá a direção, como se indicasse a estrada ao espírito e a psique. [...] O núcleo possibilita o desenvolvimento da psique e do espírito em consonância com o próprio ser”. Desta forma o ser humano não pode ser considerado comandado pelo seu psicofísico, mas por meio do núcleo é que se emana o equilíbrio como um todo, em todas as dimensões. Comungando com este pensamento, Mahfoud (2019, p.144), revela que o “[...] núcleo da pessoa como centro pessoal. [...] *centro* pessoal fundamento de nossa própria pessoalidade, dinâmica do corpo, da psique e do espírito pessoais. [...] nos dá condições pessoais de tocar a concretude e a dureza do existir”.

O núcleo central que origina o sentido da vida contribui para que cada pessoa reflita sobre os fatos vividos – sejam estes do momento presente ou de seu passado, em função de um novo caminhar para o futuro. De acordo com Mahfoud e Massimi (2013, p. 65)

[...] o núcleo do organismo contém em si as metas e a ‘direção do caminho’ para que um organismo alcance seu desenvolvimento absoluto. As circunstâncias externas podem fornecer obstáculos ou contribuir para que o ser chegue a sua plena ‘evolução’, já impressa no núcleo desde sua origem.

O ser humano pode sofrer as influências do meio externo, familiares... que muitas vezes obscurecem a direção, o sentido da vida. Contudo, em seu núcleo permanece inalterado esta direção a seguir. Por meio de sua liberdade, pode resgatar novamente este caminhar pleno de sentido.

3.1.5 A liberdade, a consciência e a busca pelo bem

Segundo Sberga (2014, p.368)

[...] para Stein o centro é também o lugar em que se aloja a faculdade da decisão livre e consciente, o lugar do discernimento apurado e refinado, o lugar onde o eu é autônomo e tem o mais amplo apoderamento sobre si. Stein explica que o centro da alma é o lugar do qual se faz ouvir a voz da consciência, é a sede das livres decisões pessoais.

O núcleo pessoal capacita a pessoa a realizar suas escolhas, discernindo a partir de sua consciência o caminho que o conduz para uma maior realização do seu ser no mundo. Desta forma, o ser humano é responsável pela sua existência. Complementa Sberga (2014, p.125), “na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a ‘alma da alma’ está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade”. Na interioridade mais profunda ou em seu núcleo, há um referencial do bem que orienta o ser humano para o exercício de sua capacidade de amar, assim como para o sentido de sua existência e sua auto realização. A liberdade interior nos conduz para as escolhas que realizamos entre o Bem ou o mal, entre o Amor ou atitudes de ódio – o ser humano nesta instância da liberdade pode escolher entre estas duas referências opostas.

3.1.6 A decisão

As escolhas que a pessoa humana realiza por meio de sua liberdade, está também atrelado as suas decisões, que são sempre únicas e diferentes em cada situação vivenciada. Conforme revela Alfieri (2014, p.94), “na dimensão do eu pessoal, temos a possibilidade de entender que o poder do poder nos torna livres. Não somos livres quando exercemos o poder no nível da psique, mas quando decidimos sobre ele no nível do espírito”. As decisões partem da dimensão do eu pessoal livre e se expressam no psiquismo. Na esfera psíquica está toda nossa vivência emocional, que muitas vezes não tratada, age segundo os condicionamentos e, portanto, não livremente. Comungando com este mesmo pensamento Mahfoud (2019, p.141), adverte que “[...] a personalidade e as tomadas de posição do eu no mundo são advertidas a partir de um centro pessoal [...] Um núcleo pelo qual cada um pode tomar posições próprias em cada experiência, além de responder ao acontecimento da vida mesma”. A dimensão do eu pessoal livre, realiza suas escolhas e se posiciona mediante os fatos vivenciados.

Segundo Sberga (2014, p.106):

O espírito concebido como alma da alma, núcleo interior da pessoa, que retrata seu intelecto, vontade e razão, é um *plus* específico dos humanos. E, por ser uma pessoa espiritual, pode tomar decisões diante de uma situação e sentir-se livre para realizar aquilo que lhe convém.

Por meio do núcleo central o ser humano é definido como pessoa e por esta instância, ele se diferencia dos outros seres vivos. Esta dimensão caracteriza o

homem em sua excelência e dignidade. Através do núcleo pessoal, o ser humano se refugia interiormente para tomadas de decisões mais profundas.

3.1.7 A potencialidade

O eu pessoal ou o núcleo central promove o desenvolvimento ao longo da duração da vida do ser humano atualizando suas potencialidades. Segundo Sberga (2014, p.406), “só sendo livre o eu pessoal poderá adentrar na sua vida da alma e lá descobrir ‘um amplo reino’, dotado de propriedades, estados, forças e qualidades”. O núcleo central, permite que a pessoa se redescubra aquilo que ela é. “Se a pessoa vive na superfície de si mesma e não atinge os extratos profundos de sua alma, ou não busca meios para isso, não poderá desabrochar as qualidades ou potências da alma”. (SBERGA, 2014, p.368) Para esta redescoberta de si e de suas potencialidades, torna-se necessário o mergulho em sua interioridade mais profunda.

3.1.8 A interioridade

O ser humano tem um referencial mais profundo, que é a sua interioridade. Na profundidade de cada ser humano, “Edith Stein afirma que a alma é, como a propósito do núcleo pessoal, um entreabrir-se especial, o da interioridade. Essa interioridade é o caminho por meio do qual emana a própria vida” (FACULDADE DE DEHONIANA, 2016, p.189-190). Confirmando tal pensamento Mahfoud e Massimi (2013, p.204), apontam que o núcleo pessoal “é o centro da vida interior”. Ainda Alfieri (2014, p.83), diz que “somente o sentir como percepção espiritual *ad intra* (voltada para dentro) permite penetrar ainda mais profundamente na interioridade”. Quanto mais profundamente o ser humano vive – ou seja, imerso em sua interioridade, mais ele permite a manifestação do seu núcleo e da vivência autêntica do seu eu.

Por meio do núcleo, a alma atinge sua maior profundidade, a essência de seu próprio ser. “O núcleo da pessoa é, portanto, uma entidade contínua, situada na profundidade do seu ser”. (FACULDADE DEHONIANA, 2016, p.175) Segundo Mahfoud e Massimi (2013, p. 225), “o núcleo, ao ser deslocado para o íntimo, é a instância que dá condição para que exista uma dinâmica entre vivência e força vital, corpo e psique”. Através da interioridade humana mais profunda, há uma interligação e uma influência entre a dimensão física, psíquica, resgatando, portanto, a integralidade humana e sua abertura e entusiasmo para a vida!

3.1.9 Consistência imutável

Segundo Alles Bello (2015, p.82), o núcleo da pessoa é “aquela consistência imutável de seu ser”. Comungando com esta mesma visão Alfieri (2014, p.81), retrata que “um aspecto importante a se destacar em relação ao núcleo é que ele não pode ser destruído, nem mesmo quando perdemos todas as nossas faculdades físicas e intelectuais”. Aquilo que o ser humano é, permanece regis-

trado em seu núcleo, apesar de seus problemas, condicionamentos ou condições que se encontra. “Para Edith Stein, o núcleo da pessoa, é entidade intangível e imodificável que substancializa a pessoa de modo único e contínuo para além de todas as perturbações materiais (doenças, mutilações, etc.)”. (FACULDADE DEHONIANA, 2016, p.191-192)

De acordo com Sberga (2014, p.74-75):

Ao nascer, a pessoa traz consigo algo de fixo que conserva em conformidade ao seu núcleo, que é qualitativamente único e singular. A esse núcleo são atribuídas as formas intelectivas, que são universais pela sua consistência, mas individualizadas nas pessoas. [...] gradativamente, a pessoa pode se desenvolver por meio da formação do seu corpo, da sua psique e da sua alma, em consonância com a atualização constante daquilo que está traçado em seu núcleo interno.

O núcleo pessoal representa a parte estável e verdadeira do homem, comportada pela razão, pelo intelecto, pelos valores, pela sua sabedoria mais profunda – dentre outros aspectos, que podem se expressar em harmonia com as realidades internas e externas da pessoa humana.

3.1.10 Beleza, verdade e valores

O núcleo é dirigido naturalmente por valores que são universais. Tais valores são inerentes ao ser humano, isto é, não precisam ser ensinados, pois se encontram alicerçados dentro da interioridade humana

[...] o núcleo é o que propicia à pessoa a abertura para o mundo dos valores. [...] o núcleo é decisivo para a determinação da profundidade com que a pessoa pode realizar seus atos e formar seus hábitos, que darão origem ao seu caráter. Aquilo que a pessoa realiza de modo mecânico e sem atenção não é um ato livre e, portanto, não é uma ação que parte do núcleo” (SBERGA, 2014, p.403)

Verifica-se que por meio do núcleo pessoal que este nos permite avaliar a qualidade de vida que cada ser humano opta - uma vez que o caráter corresponde as atitudes e hábitos que são orientados livremente pelo núcleo, sempre fundamentados nos valores. O caráter revela aspectos daquilo que a pessoa é. Conforme Manganaro (2016, p.67) expõe “tudo aquilo que é alma se enraíza no núcleo e, se com o espírito se direciona para o mundo dos valores, a alma tem a tarefa de acolhê-lo em si e se juntar a ele, cada alma individual de maneira única e irrepetível”.

De acordo com Mahfoud (2019, p.153), menciona aspectos do núcleo embasados na beleza e na verdade. “[...] nesse núcleo, pode-se reconhecer pessoalmente a beleza e a verdade, e – ainda mais importante – pode-se viver delas”. Existe uma coerência interna no homem, não apenas ligada aos valores inerentes, assim como o aspecto da verdade. Aquilo que é verdadeiro está diretamente li-

gado ao belo – a busca pelo Bem. Há, portanto, internamente dentro do núcleo, no interior de cada pessoa humana, um referencial dos valores, da verdade, que se traduz em uma coerência interna, gerando um sentimento de plenificação, por consequência.

3.1.11 Morada interna

“É no seu íntimo, na sua essência, que a alma se encontra em casa” (STEIN, 2014, p.127). O núcleo pessoal é um referencial de tudo que ora foi dito, presente na interioridade mais profunda do homem. “Há um ponto no espaço da alma em que o eu encontra o seu lugar próprio [...] Esse é o eu pessoal que, ao mesmo tempo, é um eu animado, que pertence a esta alma e que nela tem a sua morada. [...] sou este eu pessoal que reside no centro mais íntimo da minha alma”. (FACULDADE DEHONIANA, 2016, p.116) O desafio em nossa era contemporânea é permitir que adentremos em nossa verdadeira morada, vivenciando e de fato conhecendo a realidade completa daquilo que somos e que nos caracteriza com pessoa única, nos definindo por excelência como seres humanos.

Conforme revela Alfieri (2014, p.78) “[...] naturalmente, a vida espiritual e a singularidade são as determinações qualitativas em cujo núcleo se funda o seu ser originário e a sua in-habitação”. Todas as características apresentadas do núcleo se encontram no mais íntimo, dentro do homem. Somente nos reencontraremos, quando de fato permitirmos alcançar nossa interioridade mais profunda, nossa verdadeira morada!

Considerações finais

Conforme fora constatado, o empenho de Edith Stein centraliza-se na esfera mais íntima presente no homem, o seu núcleo. O núcleo da pessoa humana, mencionado por Stein como sendo a *‘alma da alma’*, revela o ser humano em sua singularidade, em sua unidade e na totalidade - nos aspectos físicos, psíquicos e espirituais; assim como dotado de sentido, livre para se posicionar e decidir, rico em potencialidades e pautado em uma ética natural que lhe conduz para o bem, para os valores universais. O homem pelo seu centro, é visto em sua integralidade. A proposta a seguir, é permitir que esse eu pessoal possa se revelar, se desenvolver, se desabrochar!

A fenomenologia ao abdicar da teorização para a compreensão do homem, alarga a visão da Psicologia. Edith Stein por meio do núcleo central e da articulação da pessoa humana – em todos os seus aspectos, resgata a integralidade do ser humano. O olhar do psicólogo clínico, alicerçado no método fenomenológico, revela novamente a Psicologia com alma!

Conforme Alles Bello (2018, p.116) aponta, que em seu último livro, intitulado *Subida ao Monte Carmelo*, Edith Stein manifesta que

[...] o homem é chamado a viver na sua interioridade, tomando nas

mãos o controle de si mesmo e, se possível, realizar as suas ações a partir deste centro. Somente agindo a partir daí o homem poderá realizar um justo confronto com o mundo e somente assim poderá encontrar o seu lugar e tarefa a ele destinada.

A pessoa que vive segundo seu núcleo é movida por um agir livre e, portanto, mais humanizado. Como profissional pode contribuir para que as potencialidades de cada paciente se revelem naturalmente. Mediante sua liberdade, pode escolher de fato amar e amando verdadeiramente, poderá ser um instrumento de ajuda a cada paciente, respeitando a sua subjetividade e unicidade.

Referências

ALLES BELLO, Angela. **Edith Stein: a paixão pela verdade**. Curitiba: Juruá, 2014. 2ª Impressão – Ano 2018.

ALLES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ALLES BELLO, Angela. **Pessoa e comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. **A clínica psicológica refletida a partir de Edith Stein**: Humanologia. Kairós – Revista Acadêmica da Prainha Ano VIII/2, Jul/Dez 2011. Disponível em: Acesso em: 15 de abril de 2020.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** 8. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

FACULDADE DEHONIANA. **Teologia em Questão: o pensamento de Edith Stein – escritos críticos**. Taubaté, SP: 2016.

GARCIA, Aparecida Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 2.ed. São Paulo: Edusc/Loyola, 1988.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Orgs). **Edith Stein e psicologia: teoria e pesquisa**. 1.ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

MAHFOUD, Miguel (Org.). **Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2019.

MANGANARO, Patrizia. **Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2016.

MANO, Raquel de Paiva; COSTA, LLeno Izídio da. **Vivências espirituais e crises do tipo psicóticas: fenomenologia, espiritualidade e crise psíquica**. Curitiba: Juruá, 2017.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016. Série Pensamento Dinâmico.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**: um percurso de conhecimento no núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014 – Coleção Filosofia em questão.

SILVA, Nara Helena Lopes Pereira da; CARDOSO, Cármen Lúcia. Contribuições da fenomenologia de Edith Stein para a atuação do psicólogo nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 246-259, June 2013. <disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142013000200005&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 07 nov. 2019.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz**: estudo sobre São João da Cruz. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

ZILLES, Urbano. A antropologia em Edith Stein. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v.77, n.306, p. 438-453, Abr./Jun. 2017. <Disponível em: <http://reb.itf.edu.br/reb/article/view/93>> Acesso em: 07 nov. 2019.

- **Gerusa Dumont de Rezende – CV** - <http://lattes.cnpq.br/2876430791520811>